Avaliação *Online* no Ensino Superior:

Princípios, Estratégias e Boas Práticas

PRINCÍPIOS | ESTRATÉGIAS | EXEMPLOS | REFLEXÃO

Para uma avaliação significativa, ética e transformadora

APRENDER
AVALIAR
TRANSFORMAR

RECURSO EDUCACIONAL ABERTO (REA)

PARA PARTILHAR, ADAPTAR E INOVAR

Trabalho desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular de Avaliação em Contextos de *eLearning* do Mestrado em Pedagogia do *eLearning* 2025/2026

UAb
UNIVERSIDADE ABERTA
www.uab.pt

DEED
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E ENSINO A DISTÂNCIA

LE@D
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ELEARNING
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO ASSOCIADO

mpel
MESTRADO EM PEDAGOGIA DO ELEARNING

ORGANIZADORAS:
Lúcia Amante
Elizabeth Souza

RIGOR | TRANSPARÊNCIA | ÉTICA | INCLUSÃO | INOVAÇÃO

Ficha Técnica

Universidade Aberta, Portugal

Departamento de Educação e Ensino a Distância

Laboratório de Educação a Distância e Elearning

Mestrado em Pedagogia do Elearning

Unidade Curricular: Avaliação em Elearning

Título: AVALIAÇÃO ONLINE NO ENSINO SUPERIOR: PRINCÍPIOS, ESTRATÉGIAS E BOAS PRÁTICAS

Recurso Educacional Aberto (REA)

Organização e orientação pedagógica: Lúcia Amante e Elizabeth Souza

Autoria: Ana Isa Sousa, Carla Miranda, Eliane Marquezoni, Esmeralda Cavel, Fernanda Santos, Filomena Rodrigues, José Gonçalves, Judite Santos, Júlia Reis, Laura Silva Maria, Luz Gomes, Marta Coutinho, Paula Bugalho, Pedro Alves, Raquel Santos, Rui Silva, Sérgio Trigo, Susana Luís, Tânia Santos

Ícones do arranjo gráfico (separadores) gerados por IA, através do NotebookLM – Google, posteriormente editados.

Transparência na utilização de Inteligência Artificial (IA): no âmbito da construção deste Recurso Educacional Aberto (REA), foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial no processo de criação e conceptualização visual da capa e da contracapa do mesmo. As imagens produzidas foram objeto de seleção, curadoria, reformulação e validação crítica por Carla Miranda, tendo a IA sido utilizada exclusivamente como suporte criativo ao design gráfico e não como substituto da autoria intelectual humana. A proposta gráfica da capa e da contracapa foi concebida recorrendo a ferramentas de IA como apoio ao processo criativo, editorial e visual, em alinhamento com os princípios de transparência, ética, responsabilidade e literacia digital que atravessam o presente Recurso.

Licença *Creative Commons Attribution 4.0 International* (CC BY 4.0): permite copiar, partilhar, adaptar e reutilizar esta obra, incluindo para fins comerciais, desde que seja atribuída a autoria original e indicada a licença.

Data de produção e publicação: julho de 2026

ISBN: 978-989-9337-12-1

Prefácio

Este Recurso Educacional Aberto nasce de uma proposta pedagógica desenvolvida na unidade curricular Avaliação em Elearning, orientada para a leitura colaborativa, a discussão crítica e a produção partilhada de conhecimento sobre avaliação online.

A atividade foi concebida em coerência com os princípios de uma avaliação autêntica, envolvendo as/os estudantes numa tarefa significativa, colaborativa e intelectualmente exigente, orientada para a produção de um recurso com valor para além da unidade curricular. Pretendeu-se que a turma mobilizasse conhecimentos, discutisse criticamente conceitos e estratégias de avaliação online e produzisse um contributo passível de ser reutilizado, adaptado e discutido por outras comunidades educativas.

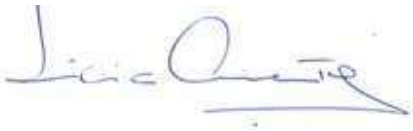
Embora a proposta inicial apontasse para a construção de um guia de boas práticas, o trabalho produzido revelou uma natureza mais ampla. Para além de recomendações práticas, integrou fundamentos conceptuais, problematizações críticas, exemplos de aplicação e desafios emergentes da avaliação online no ensino superior. Por essa razão, o produto final assume-se como um REA de sistematização e reflexão, e não como um manual prescritivo ou fechado.

Os capítulos que se seguem reúnem contributos diversos, mas articulados por uma preocupação comum: pensar a avaliação online como prática pedagógica intencional, formativa, ética e orientada para aprendizagens significativas.

O processo de construção do REA foi, ele próprio, uma experiência de aprendizagem em rede: leitura colaborativa, discussão entre pares, escrita partilhada, revisão crítica e abertura do produto final à comunidade. Esta dimensão processual é parte integrante do valor pedagógico do recurso.

Enquanto docentes da unidade curricular, valorizamos o empenho, a reflexão e a responsabilidade demonstrados pela turma. Esperamos que este REA contribua para manter aberto o debate sobre formas de avaliação online mais autênticas, transparentes, participadas e comprometidas com a aprendizagem.

As docentes,



Índice

Nota às/aos leitoras/es	Apresentação do Recurso e orientações de leitura	**5**
Introdução	Fundamentos e Tendências na Avaliação da Aprendizagem Online	**6**
Capítulo 1	Crenças sobre Ensino e Aprendizagem na Avaliação Online - Autenticidade e Engajamento na Avaliação	**13**
Capítulo 2	Avaliação Autêntica, Aberta e Estratégias de Avaliação em Contextos de Elearning	**20**
Capítulo 3	Planeamento, Tecnologias e Feedback na Avaliação Online	**30**
Capítulo 4	Conhecer para aprender: Autoavaliação, Integridade e Perspetivas de Futuro no Ensino Superior Online	**38**
Nota final	Síntese e convite à continuação do diálogo	**47**
Referências	Fontes que enquadram o REA no seu conjunto	**49**
Apêndices	Fichas de utilização de Inteligência Artificial	**54**

Nota às/aos Leitoras/es

Este documento, intitulado Avaliação Online no Ensino Superior: Princípios, Estratégias e Boas Práticas, nasce de um trabalho coletivo desenvolvido, em 2026, na unidade curricular de Avaliação em Elearning, do Mestrado em Pedagogia do Elearning da Universidade Aberta (UAb), sob a orientação das professoras Lúcia Amante e Elizabeth Souza, e é agora disponibilizado como Recurso Educacional Aberto (REA), sob licença Creative Commons CC BY 4.0, no repositório institucional da UAb.

A sua publicação como REA reflete um compromisso com os princípios da educação aberta: partilha livre de conhecimento, acesso equitativo e valorização das práticas pedagógicas emergentes. Neste sentido, o próprio processo de elaboração do Recurso constitui, em si mesmo, uma experiência de aprendizagem colaborativa e autêntica, coerente com os princípios que aqui se defendem.

O Recurso destina-se a docentes, investigadoras/es, estudantes e outras/os profissionais interessadas/os nas práticas avaliativas em contextos online. Embora centrado no ensino superior, os seus princípios e recomendações são transferíveis para outros níveis de ensino e de formação, pelo que ao longo do texto se privilegia o termo "aprendentes", mais inclusivo, por abarcar todos os sujeitos em processo de aprendizagem, independentemente do nível ou modalidade.

Este recurso constitui uma produção académica desenvolvida a partir de reflexões próprias e em diálogo com literatura especializada e deve ser lido como um todo coerente, embora cada capítulo possa ser consultado de forma autónoma.

Convida-se o/a leitor/a a usar este Recurso como ponto de partida para a reflexão, para a discussão e para a renovação das suas práticas avaliativas.

Introdução

FUNDAMENTOS E TENDÊNCIAS NA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ONLINE

Introdução |

Fundamentos e Tendências na Avaliação da Aprendizagem Online

Ana Isa Sousa, Carla Miranda e Laura Silva Maria.

1. Enquadramento do tema

Começaremos por abordar o papel central da avaliação na garantia da qualidade e no desenvolvimento de competências no ensino superior online. Assim, a avaliação deve ser entendida não só como mediadora de desempenho, mas também como uma ferramenta de crescimento, autorregulação e valorização do processo educativo, alinhando-se com os princípios pedagógicos para uma prática mais eficaz e inovadora (Amante et al., 2017).

A avaliação não deve ser vista apenas como uma ferramenta de classificação, mas como um elemento que apoia a aprendizagem, refletindo a sua natureza dinâmica e centrada no aprendente.

Em contextos digitais, essa função exige inovação, flexibilidade, autenticidade e autonomia do aprendente.

A evolução das práticas avaliativas, de modelos tradicionais focados na memorização para abordagens inovadoras como a avaliação formativa, autêntica, o feedback adaptativo e as atividades colaborativas, exige uma constante revisão pedagógica para promover avaliações mais relevantes e orientadas para os resultados de aprendizagem.

A educação de adultos, associada ao ensino online, fundamenta-se na andragogia, que valoriza a autonomia, a relevância prática e a experiência prévia,

promovendo avaliações inclusivas e contextualizadas às múltiplas necessidades dos aprendentes.

2. Conceitos-chave

A análise dos capítulos 1 e 2 de Conrad e Openo (2019b) evidencia um conjunto de conceitos estruturantes para a renovação das práticas avaliativas no ensino superior online.

Destaca-se, em primeiro lugar, a articulação intencional entre a avaliação formativa e sumativa: enquanto a avaliação formativa assume uma função reguladora, através de feedback contínuo que sustenta a autorregulação e a melhoria da aprendizagem, a avaliação sumativa valida os resultados alcançados, assegurando a credibilidade e a *accountability* do processo educativo (Boud & Soler, 2016).

A avaliação autêntica constitui um eixo central, ao privilegiar a aplicação do conhecimento em contextos reais e significativos, promovendo a integração entre a teoria e a prática e o desenvolvimento de competências como o pensamento crítico, a resolução de problemas e a adaptabilidade. Neste quadro, a tecnologia assume um papel mediador, devendo ser utilizada de forma estratégica e subordinada a objetivos pedagógicos claros, evitando abordagens meramente instrumentais.

O feedback adaptativo reforça esta dinâmica, ao permitir respostas personalizadas e atempadas que favorecem o envolvimento dos aprendentes e o desenvolvimento da autonomia (Panadero & Jonsson, 2013). Para Morgado et al. (2022), através do *feedback,* os aprendentes adquirem a consciência do grau de consecução dos seus objetivos de aprendizagem, facilitando a autorregulação**.** No âmbito da educação de adultos, conceitos como a autonomia e o autodirecionamento assumem particular relevância, exigindo práticas avaliativas que valorizem a experiência prévia e promovam o protagonismo do aprendente.

Paralelamente, a comunidade de aprendizagem emerge como um espaço de interação significativa e construção colaborativa do conhecimento, reforçando a dimensão social da aprendizagem online. Por fim, a perspetiva de aprendizagem ao longo da vida sublinha a necessidade de avaliações que apoiem processos contínuos de desenvolvimento de competências, alinhados com as exigências de contextos profissionais e sociais em constante transformação.

3. Desenvolvimento do tema

A avaliação no ensino superior online deve ser concebida como um processo estruturante e contínuo da aprendizagem, assumindo uma função reguladora, formativa e orientadora, e não apenas certificativa. Neste contexto, impõe-se uma rutura com modelos tradicionais centrados na reprodução de conhecimento, frequentemente desajustados às exigências de ambientes digitais e às características dos aprendentes adultos.

Conrad e Openo (2019b) evidenciam que o potencial transformador do ensino online não reside apenas na incorporação de tecnologias, mas na capacidade de reconfigurar as práticas pedagógicas, em particular no domínio da avaliação. A utilização de ferramentas digitais só se traduz em inovação quando sustentada por intencionalidade pedagógica clara, orientada para o desenvolvimento de competências, para a promoção da autonomia e para o envolvimento ativo dos aprendentes.

A avaliação autêntica emerge, neste quadro, como uma abordagem central, ao privilegiar tarefas contextualizadas que exigem a mobilização integrada de conhecimentos, competências e atitudes. Este tipo de avaliação permite ultrapassar a fragmentação entre a teoria e a prática, favorecendo aprendizagens transferíveis para os contextos reais e contribuindo para o desenvolvimento de competências críticas, reflexivas e profissionais.

No âmbito da educação de adultos, a diversidade de percursos, experiências e motivações exige práticas avaliativas flexíveis e diferenciadas. A valorização da experiência prévia, o incentivo ao autodirecionamento e a promoção da relevância prática das aprendizagens constituem princípios fundamentais que devem orientar o desenho dos dispositivos avaliativos. Neste sentido, a avaliação deve assumir-se como um espaço de construção de significado, onde o aprendente participa ativamente no seu percurso, desenvolvendo capacidades de autorregulação e pensamento crítico.

Paralelamente, a integração de estratégias como o feedback contínuo e adaptativo, a avaliação por pares e os dispositivos colaborativos reforça a dimensão social da aprendizagem online, promovendo a construção partilhada de conhecimento e o sentimento de pertença a uma comunidade académica.

Todavia, a implementação destas abordagens implica desafios significativos, nomeadamente ao nível da formação pedagógica dos docentes, da resistência à mudança e da necessidade de alinhamento entre os objetivos de aprendizagem, métodos de ensino e estratégias de avaliação. Assim, a transformação das práticas avaliativas requer não apenas inovação tecnológica, mas, sobretudo, uma mudança paradigmática sustentada por princípios pedagógicos sólidos.

Deste modo, a avaliação no ensino online deve afirmar-se como um dispositivo estratégico de aprendizagem, capaz de articular intencionalidade pedagógica, relevância prática e desenvolvimento de competências, contribuindo para uma educação superior mais significativa, inclusiva e ajustada às exigências contemporâneas.

4. Articulação com os desafios atuais

A avaliação no ensino superior online enfrenta desafios multifacetados que refletem as transformações atuais no cenário educacional.

Um dos principais fatores é o impacto da inteligência artificial (IA), cuja ubiquidade oferece possibilidades de automatização de processos avaliativos, facilitando a personalização do feedback e a análise de desempenho (Swiecki et al., 2022).

Contudo, também levanta questões acerca da garantia de autenticidade, integridade e validade das avaliações, exigindo a implementação de medidas que assegurem a confiabilidade dos resultados e evitem fraudes.

Outra dificuldade reside na diversidade de aprendentes, cuja heterogeneidade de perfis, ritmos de aprendizagem e contextos de origem requer práticas avaliativas inclusivas, flexíveis e capazes de acomodar os múltiplos estilos de aprendizagem.

Além disso, a credibilidade das avaliações online depende de sua validação e confiabilidade, principalmente diante do crescimento exponencial das plataformas digitais e do uso de tecnologias de avaliação automatizada, conforme evidenciado pela literatura recente.

Por fim, os desafios éticos e de integridade exigem a adoção de estratégias que promovam a honestidade académica e o comprometimento real, incentivando avaliações que transcendam a simples memorização e desenvolvam competências essenciais do século XXI, como o pensamento crítico, a criatividade e a resolução de problemas complexos, em sintonia com a transformação digital e as solicitações contemporâneas por competências transversais.

5. Implicações para a prática pedagógica

Da análise realizada a Conrad e Openo (2019b) emergem os seguintes princípios orientadores para a prática pedagógica:

- Implementar estratégias de avaliação autêntica que simulem contextos reais de atuação profissional.
- Utilizar o feedback contínuo e adaptativo, apoiando o desenvolvimento autónomo do aprendente.

- Promover o uso de atividades colaborativas, como as avaliações por pares, os projetos de equipa e os portefólios digitais.
- Integrar as tecnologias de IA de forma ética, transparente e orientada para a aprendizagem.
- Diversificar as metodologias avaliativas, incluindo autoavaliações, portefólios, estudos de caso, simulações e avaliações práticas.
- Priorizar a transparência nos critérios de avaliação, promovendo a maturidade reflexiva e a autonomia do aprendente.
- Capacitar os docentes para o uso de novas estratégias pedagógicas e tecnológicas, promovendo uma cultura de avaliação inovadora e centrada no aprendente.

6. Síntese final

A avaliação no ensino superior online impõe uma rutura paradigmática com os modelos tradicionais, afirmando-se como um dispositivo estratégico de regulação e de transformação da aprendizagem. Mais do que um mecanismo de certificação, constitui um processo contínuo, formativo e orientado para o desenvolvimento de competências complexas e transferíveis (Boud, 2020). A centralidade do aprendente exige práticas avaliativas autênticas, colaborativas e contextualizadas, sustentadas pelo feedback significativo e pela promoção da autorregulação.

Paralelamente, o uso intencional das tecnologias digitais potencia a personalização, a inclusão e a diversificação de estratégias, desde que subordinado a princípios pedagógicos claros. Ao integrar a teoria e a prática, a avaliação contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da responsabilidade ética.

Deste modo, consolida-se como eixo estruturante de uma educação superior online inovadora, equitativa e alinhada com as exigências de uma aprendizagem ao longo da vida.

Capítulo 1

CRENÇAS SOBRE ENSINO E APRENDIZAGEM NA AVALIAÇÃO ONLINE AUTENTICIDADE E ENGAJAMENTO NA AVALIAÇÃO

Capítulo 1 |

Crenças sobre Ensino e Aprendizagem na Avaliação Online - Autenticidade e Engajamento na Avaliação

Eliane Marquezoni, Fernanda Santos, Luz Gomes e Rui Silva.

1. Enquadramento do tema

A avaliação online é um processo influenciado pelas crenças dos professores, pela forma como concebem a aprendizagem. A avaliação reflete essas crenças, sendo fundamental que os professores desenvolvam consciência crítica das suas orientações pedagógicas (Conrad & Openo, 2019b). Este reconhecimento é essencial para a construção de práticas avaliativas autênticas e coerentes, capazes de promover o envolvimento dos aprendentes (Oliveira & Pereira, 2021).

Entre outras perspetivas, o construtivismo e o conectivismo são associados ao sucesso da aprendizagem online, porque valorizam a construção ativa, colaborativa e distribuída do conhecimento, em oposição à tradicional transmissão de conteúdos (Amante et al., 2017; Conrad & Openo, 2019b). Neste contexto, a avaliação autêntica assume-se como uma abordagem interativa, centrada em tarefas significativas e na resolução de problemas reais (Oliveira & Pereira, 2021).

A avaliação online não deve traduzir-se na simples aplicação de exames tradicionais pela internet (Amante et al., 2017). Exige um alinhamento construtivo entre objetivos, ensino e avaliação assente em situações reais da vida adulta e profissional dos aprendentes com feedback formativo contínuo que sustente a reflexão crítica sobre o seu desempenho (Amante & Oliveira, 2019; Boud, 2020).

2. Conceitos-chave

Segundo Conrad e Openo (2019b), as crenças pedagógicas dos docentes constituem um elemento estruturante das práticas de avaliação, influenciando os critérios, os métodos e os objetivos que orientam a recolha de evidências sobre a aprendizagem. Estas crenças ancoram-se em diferentes correntes filosóficas da educação, como o behaviorismo, o construtivismo ou o humanismo, que sustentam visões distintas sobre o papel do aprendente e do docente. Estas conceções refletem-se na valorização de processos mais centrados na transmissão de conhecimento ou, pelo contrário, no desenvolvimento ativo do aprendente.

Neste contexto, o conceito de alinhamento pedagógico evidencia a necessidade de coerência entre objetivos de aprendizagem, estratégias de ensino e práticas avaliativas. Por sua vez, a distinção entre avaliação formativa e sumativa traduz diferentes finalidades, assumindo particular relevância em contextos online, onde o feedback, especialmente quando explicativo, desempenha um papel central na promoção da aprendizagem (Boud, 2020; Conrad & Openo, 2019b).

Para ultrapassar a tradicional medição isolada dos conhecimentos é introduzido o conceito da avaliação autêntica, suportada na visão construtivista uma vez que a relevância para o mundo real é central, integrando as experiências de vida dos aprendentes, que são levados a desenvolver atividades e tarefas semelhantes a desafios colocados aos profissionais no mundo real (Amante et al., 2017; Oliveira & Pereira, 2021).

Também numa perspetiva construtivista, a participação diligente e colaborativa dos aprendentes, em conjunto com os professores, na definição de rubricas e critérios de avaliação contribui para o reforço da sua autonomia. Ao envolver os aprendentes neste processo, promove-se um papel mais significativo no ato avaliativo, aumentando a transparência dos padrões exigidos e o seu envolvimento enquanto comunidade de aprendizagem (Amante et al., 2017).

3. Desenvolvimento do tema

As práticas de avaliação refletem opções pedagógicas que traduzem diferentes conceções de ensino e aprendizagem, evidenciando como as crenças dos docentes se materializam em critérios, tarefas e finalidades avaliativas (Conrad & Openo, 2019b). Segundo Fenwick e Parsons (2009), este alinhamento exige que o docente reflita criticamente sobre a sua filosofia pedagógica, assegurando coerência entre princípios e práticas.

Perspetivas mais tradicionais privilegiam a medição de resultados e a classificação, recorrendo a instrumentos padronizados e de natureza predominantemente sumativa. Em contraste, abordagens centradas no aprendente, ancoradas em conceções construtivistas, valorizam a avaliação como parte integrante do processo de aprendizagem, promovendo estratégias formativas, feedback contínuo e participação ativa (Boud, 2020; Conrad & Openo, 2019b).

Esta relação evidencia que a qualidade da avaliação depende da coerência entre crenças, objetivos, metodologias e formas de avaliação. Neste enquadramento, as dimensões de autenticidade e envolvimento reforçam o modo como determinadas crenças pedagógicas se traduzem em práticas avaliativas mais significativas, favorecendo tarefas ancoradas em contextos reais (Conrad & Openo, 2019b).

Em ambientes online, as tecnologias ampliam formas de interação, colaboração e produção de evidências, promovendo aprendizagem profunda e transferência de competências.

Contudo, a concretização destas práticas exige intencionalidade pedagógica, uma vez que a adoção de formatos inovadores não garante, por si só, uma mudança efetiva nas conceções subjacentes à avaliação.

4. Articulação com os desafios atuais

A reconfiguração das metodologias e das avaliações no ensino a distância, ao assentar em ambientes virtuais assíncronos, tem permitido estimular um pensamento mais estruturado e crítico por parte dos aprendentes (Conrad & Openo, 2019b). No entanto, este modelo enfrenta obstáculos como a participação desigual e o isolamento, frequentemente associados ao fosso digital, caracterizado por disparidades no acesso a recursos e competências, que afetam o envolvimento dos aprendentes, penalizando, sobretudo, os mais vulneráveis e perpetuando as desigualdades educativas (OECD, 2021; van Deursen & van Dijk, 2019). Acrescem ainda dificuldades na avaliação de competências práticas, a sobrecarga de tarefas escritas e o risco de sobrecarga cognitiva, que pode comprometer o processamento eficaz da informação e a aprendizagem (Sweller, 2011).

A integração da Inteligência Artificial trouxe novas complexidades, levantando questões sobre a integridade académica e a autoria dos trabalhos (Bittle & ElGayar, 2025). O seu uso acrítico pode gerar respostas superficiais e uma "ilusão de conhecimento" que compromete o desenvolvimento cognitivo (Zhai et al., 2021), além de agravar as desigualdades no acesso às ferramentas premium. Face a isto, Conrad e Openo (2019b) defendem uma mudança de

paradigma: a avaliação deve centrar-se no processo e no feedback contínuo, promovendo práticas mais reflexivas, rigorosas e autênticas, devidamente alinhadas com as exigências contemporâneas.

5. Implicações para a prática pedagógica

Para garantir qualidade na aprendizagem online, o ponto de partida deve ser a

consciencialização dos professores sobre as suas próprias crenças pedagógicas, entendidas como determinantes das práticas avaliativas, o que exige uma reflexão crítica contínua (Conrad & Openo, 2019b). A partir desta base, os professores devem conceber avaliações autênticas, através do desenho de tarefas complexas, abertas e contextualizadas em situações reais da vida dos aprendentes. Esta ligação à realidade contribui para o envolvimento dos aprendentes, porque promove a relevância e o significado das atividades propostas (Amante et al., 2017; Oliveira & Pereira, 2021).

Adicionalmente, a avaliação deve ser encarada como um processo contínuo, privilegiando o feedback formativo, claro e orientado para a melhoria, que permita aos aprendentes rever e aperfeiçoar os seus trabalhos. Importa, assim, valorizar ciclos iterativos de aprendizagem, em que o feedback sustenta a progressão (Amante & Oliveira, 2019; Pereira & Oliveira, 2022).

Por fim, a avaliação por pares constitui uma estratégia pertinente, na medida em que envolve os aprendentes num duplo papel de aprendentes e avaliadores, promovendo o desenvolvimento de competências de análise crítica, a compreensão dos critérios de qualidade e uma maior perceção de justiça no processo avaliativo (Conrad & Openo, 2019b).

6. Exemplo de aplicação

No âmbito do ensino online, a avaliação pode ser operacionalizada mediante o recurso a cenários práticos que espelhem os princípios da interação, da reflexão e da aprendizagem significativa discutidos por Conrad e Openo (2019b). A título de exemplo, a avaliação dos fóruns de discussão, nos quais os aprendentes analisam criticamente um tema e interagem com os colegas, incide sobre a qualidade da argumentação, a capacidade de reflexão, o envolvimento e o rigor nas interações.

Adicionalmente, a avaliação pode ser consubstanciada na resolução de problemas ou cenários reais, nos quais os aprendentes devem propor soluções

fundamentadas, permitindo avaliar competências de análise crítica, tomada de decisão e aplicação prática do conhecimento. Do mesmo modo, estratégias como a simulação (role-play) ou a resolução colaborativa de problemas viabilizam a avaliação de competências transversais, nomeadamente a comunicação, a colaboração e o pensamento crítico, sendo consistentes com as abordagens da aprendizagem ativa (Freeman et al., 2014). Já a produção de artefactos digitais, como apresentações ou infográficos, pode ser utilizada para avaliar a capacidade de síntese e de organização da informação (Yildirim, 2016).

Estas situações práticas são asseguradas pelo uso de rubricas e feedback contínuo, conforme defendem Conrad e Openo (2019b), reforçando uma avaliação formativa, centrada no processo.

7. Síntese Final

A avaliação online exige coerência entre crenças pedagógicas, objetivos e práticas, refletindo a forma como cada docente concebe a aprendizagem. Abordagens construtivistas e conectivistas valorizam a participação ativa, a colaboração e a ligação ao mundo real, sustentando práticas avaliativas autênticas que promovem envolvimento e pensamento crítico. Em contraste, modelos tradicionais tendem a centrar-se na medição e na classificação.

Nos ambientes digitais, a avaliação deve privilegiar o feedback contínuo, a reflexão e tarefas significativas, apoiadas por rubricas claras e participação dos aprendentes. Contudo, persistem desafios como desigualdades de acesso, isolamento, sobrecarga cognitiva e novas questões trazidas pela Inteligência Artificial. Assim, a qualidade da avaliação online depende da consciência crítica dos docentes, da intencionalidade pedagógica e da criação de oportunidades de aprendizagem relevantes, colaborativas e alinhadas com as exigências contemporâneas.

Capítulo 2

AVALIAÇÃO AUTÊNTICA, ABERTA E ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO EM CONTEXTOS DE ELEARNING

Capítulo 2 |

Avaliação Autêntica, Aberta e Estratégias de Avaliação em Contextos de Elearning

Esmeralda Cavel, José Gonçalves, Judite Santos e Júlia Reis.

1. Enquadramento do tema

A avaliação da aprendizagem em contextos de ensino superior online assume, atualmente, um papel central na reconfiguração das práticas pedagógicas, acompanhando a evolução dos modelos educativos para ambientes digitais, flexíveis e centrados no aprendente. Como referem Conrad e Openo (2019b), a expansão do elearning reabre "novas portas para velhas questões sobre avaliação" (p. 21), colocando em causa a adequação de modelos tradicionais baseados na reprodução do conhecimento.

Neste contexto, a avaliação autêntica emerge como um paradigma orientador, privilegiando a construção de significado, a aplicação do conhecimento e a participação ativa dos aprendentes. Contudo, esta transição não é meramente técnica, mas profundamente epistemológica, implicando uma revisão das conceções de ensino e aprendizagem que sustentam as práticas avaliativas. Com efeito, as estratégias adotadas refletem, muitas vezes, crenças implícitas dos docentes, podendo coexistir abordagens inovadoras com práticas ancoradas em modelos tradicionais.

Assim, a avaliação em elearning tende a assumir-se como um processo contínuo, reflexivo e integrado, orientado para a aprendizagem e desenvolvimento de competências.

Até que ponto as instituições de ensino superior estão preparadas para abandonar modelos centrados na classificação e adotar práticas de avaliação centradas na aprendizagem?

Neste enquadramento, torna-se fundamental clarificar os conceitos-chave que sustentam estas práticas, apresentados na secção seguinte.

2. Conceitos-chave

ePortfolios - Instrumentos digitais que agregam evidências do percurso formativo (reflexões, artefactos multimodais), documentando competências, autorregulação da aprendizagem (Conrad & Openo, 2019b), constituindo suporte estruturante para avaliação (Kunnari & Laurikainen,2017, citados por Pires & Rodrigues,2022).

Diários de aprendizagem - Instrumentos reflexivos de registo, análise e interpretação das aprendizagens ao longo do tempo. Documentam progressos, dificuldades, estratégias e ligações entre conteúdos, promovendo autorregulação, pensamento crítico e aprendizagem profunda (Conrad & Openo, 2019b).

Projetos colaborativos - Atividades onde grupos de aprendentes se coordenam para atingir um objetivo comum – resolver problemas / realizar produtos, com ferramentas digitais de comunicação e colaboração, participação ativa, responsabilidade partilhada, negociação e coconstrução de conhecimento (Conrad & Openo, 2019b).

REA (Recursos Educacionais Abertos) - Materiais de ensino, aprendizagem e investigação, em qualquer suporte, disponibilizados sob domínio público /licenças abertas, possibilitando acesso, uso, adaptação e redistribuição, com poucas ou nenhumas restrições (UNESCO, 2012).

MOOCs *(Massive Open Online Courses)* - Cursos, com acesso aberto, de participação ilimitada, independentemente da localização. Facilitam a aprendizagem através da disponibilização de materiais e partilha de informação entre os participantes (Al-Rahmi et al.,2019).

Badges digitais - Certificados que reconhecem competências específicas, baseados em evidências e verificáveis online. Funcionam como microcredenciais formais e informais e permitem construir um percurso de qualificação flexível e acumulável, demonstrando o progresso. Associam-se a tarefas autênticas - evidências de desempenho (Conrad & Openo, 2019b).

Avaliação por pares - Processo colaborativo onde aprendentes avaliam o trabalho de colegas, realizando juízos, classificações ou *feedback* estruturado, baseando-se em critérios. Promove aprendizagem, reflexão e melhoria contínua (Loureiro & Gomes, 2023).

Avaliação autêntica - Incide sobre tarefas do mundo real, avaliando conhecimentos, competências e atitudes. Orientada para o desempenho (Vlachopoulos & Makri, 2024).

RPL (*Recognition of Prior Learning*) - Reconhecimento, registo e validação de conhecimentos, competências e aprendizagens em contextos formais e informais, para atribuição de créditos académicos, equivalências /acesso a programas de ensino superior (Raciti et al.,2024).

Avaliação aberta - Processo distribuído, participativo e transparente através de tarefas autênticas, ligadas ao mundo real, possibilitando a evidência de aprendizagens, com critérios explícitos face a resultados esperados (Conrad & Openo, 2019b).

Leitura Crítica dos Conceitos-Chave face à Avaliação: Vantagens, Limites e Desafios

CONCEITO	+ VANTAGENS	– LIMITES E DESAFIOS
LEGENDA + Vantagens – Limites		
ePortfolios Evidências reflexivas de aprendizagem	Autenticidade; Transversalidade; Difícil de falsificar	Exigente em tempo; Avaliação complexa
Diários de aprendizagem Registos reflexivos individuais	Metacognição; Observação da evolução	Resistência dos estudantes; Subjetividade; Fadiga
Projetos em grupo Aprendizagem colaborativa conjunta	Competências colaborativas; Aprendizagem social; Aprendizagem ativa	Avaliação individual difícil; Alunos "caroneiros"; Design rigoroso
REA Recursos Educacionais Abertos multimédia	Flexibilidade; Acessibilidade; Aprendizagem ativa	Autoria difícil de validar; Qualidade variável
MOOCs Cursos online em larga escala	Escalabilidade; Acesso amplo	Baixa fiabilidade avaliativa; Validação difícil
Badges digitais Microcredenciais de competências	Granularidade; Motivação; Visibilidade	Fragmentação; Reconhecimento desigual
Avaliação por pares Feedback formativo entre estudantes	Aprendizagem profunda; Perspetiva crítica	Baixa fiabilidade sumativa; Enviesamentos
Avaliação autêntica Incide em tarefas reais de relevância prática	Alta relevância; Significado real	Difícil padronização; Elevada complexidade
RPL Reconhecimento de aprendizagens prévias	Valoriza experiências; Equidade formativa	Validação complexa; Sem padrões definidos
Avaliação aberta Processos transparentes e participativos	Transparência; Participação; Autonomia	Design complexo; Validação difícil

Adaptação de Conrad e Openo (2019)

Estes conceitos constituem a base para o desenvolvimento de práticas de avaliação autêntica, devendo ser articulados de forma integrada no desenho das atividades de aprendizagem online.

3. Desenvolvimento do tema

A avaliação em contextos de elearning integra-se numa transformação mais ampla do ensino superior, marcada pela digitalização da aprendizagem e pela adoção de modelos mais flexíveis, como o *blended learning*. Neste

enquadramento, o processo educativo deixa de ser linear e passa a organizar-se de forma mais dinâmica, alternando entre momentos de maior orientação docente e períodos de trabalho autónomo do aprendente.

Neste contexto, a avaliação assume um papel central na aprendizagem, deixando de ser apenas um momento de verificação de resultados para passar a acompanhar o próprio processo de construção do conhecimento. Esta perspetiva é particularmente visível em instrumentos como portefólios eletrónicos, diários de aprendizagem e projetos colaborativos, que permitem ao aprendente evidenciar o seu percurso, refletir sobre o que aprende e desenvolver competências de forma progressiva. Esta valorização do processo em detrimento do produto final está alinhada com abordagens formativas da avaliação online (Conrad & Openo, 2019b).

A abertura do ensino superior, impulsionada por iniciativas como os MOOCs e os Recursos Educativos Abertos (REA), contribuiu para alargar o acesso ao conhecimento, mas também evidenciou desigualdades relacionadas com o acesso a tecnologias e níveis de literacia digital. Estas diferenças influenciam diretamente a forma como os aprendentes participam e devem ser consideradas no desenho das práticas de avaliação.

Por outro lado, a crescente utilização de estratégias como a avaliação entre pares e o recurso a fontes abertas de informação reforça a importância do desenvolvimento de competências críticas, fundamentais para avaliar a qualidade e a fiabilidade da informação disponível online. Assim, a avaliação em elearning assume-se como um processo contínuo, flexível e adaptado a diferentes contextos de aprendizagem. Contudo, a implementação destas práticas exige um desenho pedagógico intencional, capaz de responder às diferenças de participação, competências digitais e envolvimento dos aprendentes.

4. Articulação com desafios atuais

Ensino online:

Conciliar acesso e qualidade exige superar a fragilidade de testes tradicionais. O uso de eportefólios, estudos de caso e diários assegura a integridade ao substituir avaliações mecanizadas por evidências de processo e reflexão contínua, reduzindo riscos de fraude (Conrad & Openo, 2019b).

Impacto da IA:

A Inteligência Artificial fragiliza modelos tradicionais, promove uma mudança de paradigma e amplia possibilidades como automação, personalização e feedback em tempo real, tornando a avaliação mais formativa.

Contudo, levanta desafios éticos, como autenticidade, viés, confiabilidade e privacidade, exigindo foco em processos, contextos autênticos e múltiplas evidências, preservando rigor e significado na avaliação. Nesse cenário, o papel do professor transforma-se, requerendo mediação crítica e promoção da literacia digital. A IA não substitui o professor, amplia possibilidades como defende Afonso (2025), em Impacto da Inteligência Artificial na Avaliação da Aprendizagem em Ambientes Virtuais.

Inclusão e Equidade, marcada por desigualdades de acesso, literacia digital limitada e modelos padronizados que ignoram a diversidade.

Credibilidade e Reconhecimento, com resistência institucional às microcredenciais e *badges* digitais.

Sobrecarga Docente e Gestão, Avaliações autênticas exigem tempo e acompanhamento, o que se torna difícil em turmas numerosas, requerendo políticas institucionais e formação docente.

Estes desafios são igualmente explorados no recurso audiovisual disponibilizado, acessível através do link associado à palavra vídeo .

5. Implicações para a prática pedagógica

A avaliação em ambientes de elearning e educação aberta implica uma mudança significativa no papel do docente, que passa a atuar sobretudo como facilitador da aprendizagem, orientando os aprendentes no seu percurso e promovendo maior autonomia. A avaliação deixa assim de ser um momento isolado e passa a integrar-se de forma contínua no processo de aprendizagem, com enfoque no desenvolvimento progressivo das competências.

Neste sentido, torna-se essencial implementar práticas de avaliação formativa, sustentadas em feedback regular e orientadas para a melhoria contínua. Ferramentas como portefólios eletrónicos, diários reflexivos e projetos em grupo permitem acompanhar o percurso dos aprendentes e valorizar tanto o processo como o resultado final, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa.

Níveis / Critério	4 - Excelente	3 - Bom	2 - Satisfatório	1 - Fraco	0 - Em falta
Tipo de campos corretos	Todos os campos têm tipos de dados corretos.	1-2 pequenos erros.	Vários tipos de campos inadequados.	Tentativa feita, mas maioritariamente incorreta.	Não submetido.
Chave primária definida	Todas as tabelas têm chaves primárias definidas.	A maioria das tabelas, com pequenos erros.	Algumas tabelas não têm chave primária.	Tentativa feita, mas maioritariamente incorreta.	Não submetido.
Chaves estrangeiras ligadas	Relações de chaves estrangeiras corretas e válidas.	Pequenos problemas.	Erros graves ou relações ausentes.	Tentativa feita, mas incorreta.	Não submetido.
Feedback entre pares	Feedback respeitoso, claro e útil.	Maioritariamente respeitoso e útil.	Genérico ou pouco claro.	Fora do tema ou fraco.	Não realizado.
Clareza do relatório	Relatório aprofundado e bem estruturado.	Bom nível de detalhe.	Respostas básicas, com pouca explicitação.	Muito breve ou pouco claro.	Não submetido.

Exemplo de uma rubrica para avaliar um trabalho de base de dados

As estratégias de avaliação entre pares podem reforçar o pensamento crítico e a responsabilização dos aprendentes, desde que estejam bem estruturadas e

apoiadas em critérios claros e transparentes. A utilização de recursos educativos abertos e plataformas digitais exige ainda o desenvolvimento de competências de literacia crítica, fundamentais para a análise de informação em ambientes digitais complexos (Conrad & Openo, 2019b).

6. Exemplo de aplicação

Contexto:

UC de Avaliação em Elearning. Aprendentes desenvolvem um ePortefólio integrando diário reflexivo, projetos de grupo – (1) avaliação crítica da utilização de REA e MOOCs no ensino superior e (2) uso de *badges*-certificação de competências.

Atividades:

Evidências reunidas:

Projetos em grupo - conceção-propostas de (1) avaliação aberta de um MOOC que integre REA e (2) *badges*, com protótipos das estratégias avaliativas e simulações de aplicação e análise crítica.

Diário individual de aprendizagem - reflexões críticas sobre as aprendizagens /processos/produtos.

Processo avaliativo com base em rubricas coconstruídas com os aprendentes:

Avaliação autêntica - incide nas tarefas-processo e nos produtos do projeto em grupo (simulação de contexto real).

Avaliação por pares - revisão cruzada dos projetos, validada pelo feedback estruturado do docente.

Avaliação aberta - avaliação por pares + heteroavaliação participativa e transparente.

Autoavaliação - reflexão crítica no diário sobre desempenho, contributos e aprendizagem.

Avaliação formativa e contínua - foco no processo (diário + descrição das fases do projeto) com feedback docente, promovendo melhoria progressiva.

7. Síntese final

A análise desenvolvida evidencia que a avaliação em contextos de elearning não pode ser reduzida a uma adaptação de práticas tradicionais ao ambiente digital. Pelo contrário, exige uma reconfiguração pedagógica profunda, centrada na autenticidade, participação e construção de conhecimento.

A integração de estratégias como portefólios eletrónicos, diários reflexivos e projetos colaborativos permite valorizar o processo de aprendizagem e promover o envolvimento dos aprendentes, possibilitando que estes "se envolvam autenticamente com os materiais de aprendizagem" (Conrad & Openo, 2019b, p. 137). Contudo, a eficácia destas práticas depende de um desenho pedagógico intencional, de critérios claros e acompanhamento contínuo.

Simultaneamente, persistem desafios relevantes, nomeadamente ao nível da equidade, da participação efetiva e da adaptação às características dos aprendentes em ambientes digitais.

A verdadeira inovação na avaliação online não reside apenas nas ferramentas utilizadas, mas na transformação das práticas pedagógicas e das conceções de aprendizagem que lhes estão subjacentes. Neste sentido, a adoção de boas práticas de avaliação em e-learning revela-se essencial para garantir processos mais justos, significativos e alinhados com as exigências da educação superior contemporânea.

Capítulo 3

PLANEAMENTO, TECNOLOGIAS E FEEDBACK NA AVALIAÇÃO ONLINE

Capítulo 3 |

Planeamento, Tecnologias e Feedback na Avaliação Online

Filomena Rodrigues, Pedro Alves, Susana Luís e Tânia Santos.

1. Enquadramento do Tema: A Avaliação como Génese do Design Pedagógico

No ensino superior online, a avaliação já não pode ser vista apenas como um momento final para atribuir uma nota. Deve fazer parte do planeamento da unidade curricular desde o início. Para Conrad e Openo (2019b) antes de escolher conteúdos, atividades ou ferramentas digitais, o docente deve clarificar o que pretende que os aprendentes aprendam e que evidências podem mostrar essa aprendizagem. Esta forma de planear ajuda a ligar melhor os objetivos, as atividades e a avaliação.

Na mesma linha, Amante e Oliveira (2016) lembram que avaliar não é só classificar. Avaliar é acompanhar o percurso dos aprendentes, perceber dificuldades e usar essa informação para melhorar o ensino e a aprendizagem. No ensino online, este acompanhamento ganha ainda mais importância, porque as tecnologias digitais podem ajudar a tornar o processo mais visível, facilitar o feedback e apoiar a melhoria contínua dos trabalhos.

2. Conceitos-Chave: Da Prática Autêntica à Complexidade Cognitiva

A proposta de Conrad e Openo (2019b) assenta em conceitos que contribuem para redefinir a avaliação no ensino online.

Destaca-se, em primeiro lugar, a avaliação como génese do planeamento, que rompe com a lógica tradicional de organizar conteúdos antes de definir a

avaliação. Neste modelo, são as evidências de aprendizagem que orientam o percurso pedagógico (Conrad & Openo, 2019b).

A este princípio associa-se o de avaliação autêntica, que privilegia tarefas com significado e aplicabilidade. Em vez de atividades centradas na reprodução teórica, propõem-se situações que exigem a mobilização do conhecimento em contextos próximos da realidade profissional (Wiggins, 1998).

Importa ainda considerar a hierarquia de resultados de aprendizagem, inspirada em Costa e Garmston (2013), que evidencia diferentes níveis de complexidade, de acordo com estes autores a aquisição de competências engloba a integração dos conhecimentos, das habilidades e comportamentos adequados a cada contexto, sendo o desempenho de uma tarefa o objeto final da apreciação. Para além do domínio factual, a avaliação deve incluir processos cognitivos mais exigentes e disposições como o pensamento crítico, a autonomia e a responsabilidade (Conrad & Openo, 2019b).

Por fim, a presença social assume um papel determinante. Num contexto online, a eficácia dos processos pedagógicos depende da existência de um ambiente de confiança e interação entre os participantes, condição essencial para uma aprendizagem significativa (JISC, 2020).

3. Desenvolvimento do Tema: O Design Reverso e a Monitorização do Percurso

O Design Reverso constitui uma forma de planificação que parte do fim para o início. Isto significa que, antes de decidir que conteúdos trabalhar ou que atividades propor, o docente deve clarificar que aprendizagens pretende que os aprendentes evidenciem no final da unidade. Só depois dessa definição faz sentido selecionar os conteúdos, organizar as tarefas e escolher os instrumentos de avaliação mais adequados (Wiggins & McTighe, 2005).

Esta forma de planear ajuda a evitar uma situação frequente no ensino: a realização de atividades interessantes, mas pouco ligadas aos objetivos definidos. Quando existe uma relação clara entre resultados esperados, estratégias de ensino e avaliação, o processo torna-se mais coerente e mais próximo do princípio do alinhamento construtivo defendido por Biggs (2003).

No ensino online, esta preocupação ganha ainda mais importância. As tecnologias digitais permitem acompanhar o percurso dos aprendentes, recolher evidências do seu trabalho e dar feedback ao longo do processo. Contudo, usar tecnologia não significa, automaticamente, inovar ou melhorar a aprendizagem. Uma ferramenta digital só tem valor pedagógico quando é escolhida com um propósito claro e integrada numa estratégia de ensino bem definida.

Assim, recursos como fóruns, wikis, blogs, e-portefólios ou plataformas de submissão devem ser usados para apoiar a interação, a colaboração, a reflexão, o feedback e a monitorização contínua da aprendizagem. Neste sentido, aproximam-se da avaliação alternativa digital, pois permitem que o desenho das tarefas, a sua realização e o feedback sejam mediados pela tecnologia, mantendo como foco principal o desenvolvimento de competências nos aprendentes (Amante & Oliveira, 2016).

Entre as ferramentas mais relevantes destacam-se:

- Wikis, que permitem identificar o contributo individual em trabalhos colaborativos. A wiki torna visível o processo de construção colaborativa do conhecimento, possibilitando ao docente acompanhar as contribuições dos aprendentes, identificar dificuldades, fornecer feedback durante o processo e promover a regulação das aprendizagens;
- Blogs ou portefólios, que facilitam a reflexão crítica e o registo da evolução da aprendizagem.

Desta forma, a avaliação passa a valorizar não apenas o produto final, mas também o processo (Conrad & Openo, 2019b).

O feedback assume igualmente um papel central. Quando é contínuo e orientador, contribui para a autorregulação da aprendizagem e para a melhoria progressiva do desempenho dos aprendentes (Nicol & Macfarlane-Dick, 2006).

4. Articulação com desafios atuais

O contexto atual coloca novos desafios à avaliação, nomeadamente devido à facilidade de acesso à informação e à crescente utilização de tecnologias digitais, incluindo ferramentas de Inteligência Artificial. Estes fatores exigem uma redefinição das práticas avaliativas (UNESCO, 2023).

Neste cenário, torna-se fundamental privilegiar tarefas que envolvam compreensão, análise e aplicação do conhecimento, em detrimento de modelos baseados na reprodução de informação (JISC, 2020).

A questão da integridade académica assume também maior relevância. Mais do que reforçar mecanismos de controlo, importa desenvolver estratégias de avaliação autênticas e contextualizadas, que promovam aprendizagens significativas e difíceis de reproduzir de forma mecânica (Conrad & Openo, 2019b).

Neste sentido, a avaliação autêntica não é apenas uma opção pedagógica mais rica — é também uma resposta estrutural mais eficaz do que os mecanismos de controlo e deteção, uma vez que mobiliza experiência pessoal e profissional que não é externalizável nem delegável.

5. Implicações para a prática pedagógica

A análise dos capítulos 7 e 8 de Conrad e Openo (2019b) permite retirar algumas implicações importantes para a forma como a avaliação é pensada no ensino superior online. Uma das ideias centrais é que a avaliação não deve surgir apenas no final da unidade curricular, como um momento isolado de classificação. Pelo contrário, deve ser considerada desde o início do planeamento, em articulação

com os resultados de aprendizagem, as atividades propostas, as tecnologias utilizadas e as formas de acompanhamento dos aprendentes.

Neste contexto, as tecnologias digitais não devem ser vistas apenas como espaços para entregar trabalhos ou realizar testes. O seu valor pedagógico depende da forma como são integradas no processo de aprendizagem. Quando são usadas com intenção clara, podem ajudar a acompanhar o percurso dos aprendentes, favorecer a interação, apoiar a colaboração e tornar o feedback mais regular e útil. Esta preocupação também é sublinhada por Amante e Oliveira (2016), ao defenderem que é necessário conhecer, selecionar e distribuir adequadamente as ferramentas digitais, de modo a integrar avaliação, ensino e aprendizagem de forma coerente.

Assim, podem destacar-se algumas boas práticas para a avaliação online com recurso à tecnologia e ao feedback:

- planear a avaliação desde o início da unidade curricular, articulando objetivos, atividades, tecnologias e critérios de avaliação;
- selecionar tecnologias digitais em função da intenção pedagógica, e não apenas pela sua disponibilidade;
- usar ferramentas como wikis, fóruns, blogs, portefólios ou plataformas digitais para acompanhar o processo de aprendizagem;
- valorizar evidências de participação, colaboração, reflexão e evolução dos aprendentes;
- propor tarefas autênticas que possam ser desenvolvidas em ambientes online, híbridos, flexíveis ou invertidos;
- garantir feedback contínuo, claro e orientado para a melhoria;
- criar momentos para revisão, reformulação e melhoria dos trabalhos após o feedback;
- promover feedback entre pares, autoavaliação e reflexão crítica;

- evitar que a tecnologia seja usada apenas como espaço de entrega de trabalhos;
- garantir transparência nos critérios de avaliação através de rubricas, exemplos, checklist ou orientações claras.

O feedback assume aqui um papel central. Não deve limitar-se à correção final, mas funcionar como orientação durante o processo. Deve ajudar o aprendente a compreender o que já conseguiu alcançar, o que precisa de melhorar e como pode reformular o seu trabalho. Esta lógica torna a avaliação mais formativa e favorece a autorregulação da aprendizagem. Estratégias como feedback entre pares, reflexão sobre o feedback recebido e possibilidade de reformulação dos trabalhos tornam o aprendente mais ativo no processo avaliativo.

Desta forma, a prática pedagógica deve privilegiar uma avaliação online planeada, transparente, colaborativa e acompanhada. A tecnologia deve ser entendida como meio para tornar o processo de aprendizagem mais visível e não como fim em si mesma. O essencial é que cada ferramenta utilizada contribua para melhorar a qualidade da avaliação, o envolvimento dos aprendentes e a autenticidade das aprendizagens.

6. Exemplo de aplicação prática

Numa unidade curricular de Gestão, os aprendentes podem ser desafiados a resolver um problema organizacional real. O dispositivo de avaliação pode incluir:

- Uma wiki, para construção colaborativa da proposta;
- Um blog individual, para registo de reflexão;
- Uma apresentação final, para discussão dos resultados.

Neste modelo, a avaliação incide tanto no produto final como no processo, valorizando a participação, a reflexão e a aplicação do conhecimento.

7. Síntese final

Em síntese, os contributos de Conrad e Openo (2019b) evidenciam que a avaliação no ensino superior online deve ser entendida como parte integrante do processo de aprendizagem. Ao colocá-la no centro do planeamento e ao privilegiar tarefas autênticas, promove-se o desenvolvimento de competências relevantes.

Neste contexto, avaliar deixa de ser apenas atribuir uma classificação, passando a constituir um meio para apoiar a aprendizagem e preparar os aprendentes para contextos reais e em constante mudança.

Capítulo 4

CONHECER PARA APRENDER: AUTOAVALIAÇÃO, INTEGRIDADE E PERSPETIVAS DE FUTURO NO ENSINO SUPERIOR ONLINE

Capítulo 4 |

Conhecer para aprender: Autoavaliação, Integridade e Perspetivas de Futuro no Ensino Superior Online

Marta Coutinho, Paula Bugalho, Raquel Santos e Sérgio Trigo.

1. Enquadramento do tema

A autoavaliação ocupa um lugar particularmente relevante na discussão sobre avaliação no ensino superior online, porque torna visível uma tensão central entre aquilo que é avaliado e aquilo que o aprendente efetivamente aprende. Neste contexto, autoavaliar-se não significa apenas emitir um juízo sobre o próprio desempenho, mas desenvolver a capacidade de reconhecer dificuldades, identificar progressos e assumir um papel mais ativo na regulação da aprendizagem.

No ensino online, esta dimensão adquire especial importância, uma vez que a flexibilidade temporal, a menor presença física do docente e a exigência de maior autonomia reforçam a necessidade de reflexão, monitorização e autodirecionamento. É neste quadro que a autoavaliação ganha valor pedagógico, não como mecanismo de classificação, mas como instrumento de apoio à aprendizagem.

Os capítulos 9 e 10 de Conrad e Openo (2019b) reforçam precisamente esta ideia, ao sublinharem que a avaliação autêntica não deve ser entendida como um momento final e separado do percurso, mas como parte integrante do próprio processo formativo. Avaliar, nesta perspetiva, é também aprender, refletir e reconstruir o próprio percurso de forma mais consciente e autónoma.

Contudo, a autoavaliação não está isenta de riscos, já que pode ser influenciada por perceções distorcidas, gestão estratégica da imagem e dificuldade de julgamento rigoroso sobre o próprio desempenho. Reconhecer este paradoxo não

é razão para abandonar a autoavaliação, mas para a desenhar com maior cuidado pedagógico, com critérios claros, apoio docente e integração coerente no plano global de avaliação.

2. Conceitos-chave

Autoavaliação: Fenwick e Parsons (2009) definem a autoavaliação como o ato de o aprendente identificar critérios e verificar até que ponto os atingiu no seu trabalho. Não se trata de uma nota atribuída pelo professor, mas de uma ferramenta orientada para aprender melhor e compreender o próprio processo de aprendizagem.

Reflexão crítica: A reflexão crítica corresponde à capacidade de olhar para a própria experiência de aprendizagem com profundidade, honestidade e capacidade analítica. Implica ir além da descrição do que foi feito, mobilizando análise, síntese e avaliação.

Autodirecionamento: Quando o aprendente aprende a avaliar o seu próprio trabalho, aprende também a conduzir o seu percurso de forma mais autónoma. Numa perspetiva construtivista, a autoavaliação funciona como treino para a autorregulação e para a aprendizagem ao longo da vida.

Avaliação autêntica: A avaliação autêntica é a que faz sentido para além do contexto estritamente escolar, porque privilegia a aplicação do conhecimento, a criatividade, a reflexão e a ligação a situações reais. Não constitui um momento separado da aprendizagem, antes se integra no próprio percurso formativo.

Integridade académica na autoavaliação: A autoavaliação levanta questões específicas de integridade académica que vão além da desonestidade convencional. Um aprendente pode autoavaliar-se de forma estratégica, para gerir a sua imagem perante o professor e os pares, em vez de o fazer com honestidade reflexiva. Por isso, a credibilidade desta prática depende fortemente

do modo como é estruturada e acompanhada (Conrad & Openo, 2019b; Dron, 2007).

Participação como objeto de avaliação: Um dos desafios mais complexos da avaliação online é definir o que conta como participação relevante. Avaliar apenas o volume de interações pode premiar a frequência em detrimento da qualidade, penalizando aprendentes com ritmos de reflexão diferentes.

3. Desenvolvimento do tema

A autoavaliação como prática pedagógica estruturada

Conrad e Openo (2019b) sublinham que a autoavaliação não pode ocorrer no vazio. Para produzir efeitos pedagógicos significativos, deve integrar-se num ambiente em que o feedback seja frequente, formativo e orientado para a melhoria. Pedir simplesmente aos aprendentes que se autoavaliem, sem critérios claros nem acompanhamento, não garante reflexão genuína nem aprendizagem mais profunda.

Neste sentido, os autores identificam várias condições para a sua implementação: reconhecer a possível resistência inicial dos aprendentes, atribuir à autoavaliação um lugar legítimo no plano global de avaliação, explicitar objetivos e critérios e assegurar apoio docente ao longo do processo. A autoavaliação torna-se mais significativa quando ajuda o aprendente a responder a questões como: O que aprendi? Onde senti mais dificuldade? Como posso aplicar este conhecimento? Estas perguntas favorecem o desenvolvimento do pensamento crítico e da autorregulação.

Limitações e críticas da autoavaliação

Os capítulos finais da obra de Conrad e Openo (2019b) apresentam também uma visão equilibrada das fragilidades da autoavaliação. O estudo de Dunning et al., (2004) mostra que a correspondência entre as classificações atribuídas pelos aprendentes a si próprios e as classificações dos docentes tende a ser apenas

moderada, sendo esta limitação mais evidente em aprendentes menos experientes. Isto sugere que a autoavaliação exige maturidade, treino e enquadramento pedagógico adequado.

Ainda assim, estas fragilidades não anulam o seu valor formativo; pelo contrário, reforçam a ideia de que a autoavaliação é mais útil enquanto instrumento de reflexão e de desenvolvimento da autonomia do que enquanto mecanismo de classificação. Uma observação particularmente relevante apresentada é a de que, em alguns estudos, pessoas externas com informação limitada conseguem prever competências de um indivíduo quase tão bem como ele próprio, o que funciona como alerta para os limites do autoconhecimento. Por isso, a autoavaliação não deve ser tratada como fonte autónoma e suficiente de dados classificativos, mas como dispositivo pedagógico de metacognição e autorregulação.

O capítulo de encerramento e os contributos do Apêndice

Conrad e Openo (2019b) reforçam a ideia de que a avaliação é parte integrante do ciclo de aprendizagem e não um momento isolado no final do percurso. As práticas avaliativas refletem conceções pedagógicas, valores e prioridades dos docentes e das instituições. Nesta perspetiva, o ensino online surge como contexto favorável à avaliação autêntica, desde que a tecnologia seja colocada ao serviço de práticas pedagógicas significativas, reflexivas e contextualizadas.

A enriquecer esta visão, encontramos exemplos concretos que mostram a diversidade de abordagens possíveis. Aí encontramos práticas como o feedback por voz, a avaliação negociada, os diários reflexivos, a avaliação da participação, a vigilância tecnológica em exames online e o recurso a videojogos como forma de avaliação reflexiva. Estes contributos mostram que não existe um único modelo de boa avaliação online, mas antes um conjunto de princípios que devem ser ajustados ao contexto, à disciplina e ao perfil dos aprendentes. Mostram ainda que a inovação avaliativa é pedagogicamente promissora, mas exige critérios de qualidade, reflexão ética e consciência dos seus efeitos sobre a aprendizagem.

4. Articulação com desafios atuais

O ensino online tornou mais visível a importância da autonomia do aprendente e da sua capacidade de gerir o próprio percurso. Em contextos assíncronos, a autoavaliação assume um papel estruturante, porque a gestão do tempo, do ritmo e do envolvimento depende em maior medida do próprio aprendente. Ainda assim, esta prática só produz efeitos significativos quando integrada num ambiente pedagogicamente estruturado, com critérios claros, orientação docente e feedback regular.

A inteligência artificial generativa introduz neste debate uma tensão que não estava ainda colocada com a mesma intensidade quando Conrad e Openo (2019b) escreveram a obra. Por um lado, sistemas de IA podem apoiar a autorreflexão, sugerir recursos, oferecer feedback imediato e adaptar-se ao ritmo de cada aprendente. Por outro lado, a facilidade com que produzem respostas com aparência de reflexão crítica cria o risco de o aprendente delegar na máquina precisamente aquilo que a autoavaliação deveria desenvolver: a honestidade sobre o próprio percurso. Neste contexto, o desafio não está em proibir o uso da IA, mas em desenhar atividades de autoavaliação que a sua utilização não consiga substituir, isto é, atividades ancoradas em experiências concretas, decisões pessoais e percursos individuais.

Acrescem ainda desafios estruturais. Os aprendentes do ensino superior online apresentam percursos, níveis de maturidade, experiências profissionais e contextos culturais muito diversos, o que torna a autoavaliação simultaneamente mais necessária e mais exigente de gerir. A pressão institucional para certificar rapidamente entra frequentemente em conflito com a lógica mais lenta e processual de uma autoavaliação genuinamente formativa.

5. Implicações para a prática pedagógica

Boas práticas e recomendações:

- Integrar a autoavaliação no plano global de avaliação do curso, definindo claramente a sua função pedagógica, os seus objetivos e os critérios que a orientam.
- Preparar os aprendentes para a autoavaliação de forma progressiva, reconhecendo que esta prática pode gerar resistência inicial e exigir apoio no desenvolvimento da reflexão crítica.
- Utilizar a autoavaliação sobretudo com finalidade formativa, evitando, na maioria dos contextos, a sua utilização como único instrumento de classificação.
- Disponibilizar perguntas orientadoras e critérios explícitos, de modo a apoiar o aprendente na análise do seu percurso, das suas dificuldades e das aprendizagens realizadas.
- Assegurar feedback docente sobre o processo de autoavaliação, transformando-o num momento de diálogo pedagógico e não num exercício isolado ou meramente burocrático.
- Aproveitar ferramentas digitais adequadas, como diários, fóruns, portefólios eletrónicos ou formulários reflexivos, para estruturar a autoavaliação de forma acessível, regular e integrada na experiência de aprendizagem.
- Valorizar a qualidade da participação mais do que a quantidade, através de rubricas claras que distingam contribuição significativa de mera presença quantitativa.
- Explorar formatos diversificados de autoavaliação, como diários reflexivos, portefólios, gravações de voz ou outras propostas ajustadas ao contexto e ao perfil dos aprendentes.

6. Exemplo de aplicação

Contexto: Unidade curricular de mestrado em educação a distância, em regime online assíncrono.

Atividade: No final de cada módulo temático, os aprendentes elaboram um breve diário de aprendizagem, entre três e cinco parágrafos, orientado por questões como: Que conceito foi mais significativo para mim? Onde senti mais dificuldade? Que relação encontro entre esta aprendizagem e a minha prática profissional? No final da unidade curricular, realizam uma autoavaliação estruturada em torno de três dimensões: participação e colaboração, qualidade das reflexões produzidas e evolução enquanto aprendentes ao longo do percurso.

Relação com os conceitos: Esta atividade mobiliza a reflexão crítica, o autodirecionamento e a avaliação formativa. Ao mesmo tempo, favorece competências de análise, síntese e avaliação, tal como previstas na Taxonomia de Bloom (1956), e permite ao docente acompanhar o processo, ler os registos produzidos e devolver feedback que ajude o aprendente a aprofundar a sua consciência sobre o próprio percurso.

Utilização crítica da IA: Os aprendentes são convidados a declarar, no diário, se e como utilizaram IA generativa no processo reflexivo. Esta declaração não é penalizante; é pedagógica, porque os obriga a distinguir entre usar IA como apoio à reflexão e usá-la como substituto da reflexão. O docente pode utilizar essas declarações como ponto de partida para uma discussão coletiva sobre autenticidade e integridade académica na era dos sistemas generativos.

7. Síntese final

A autoavaliação, quando integrada de forma intencional num ambiente pedagógico construtivista, constitui uma estratégia relevante para promover a reflexão crítica, a autorregulação e a autonomia dos aprendentes.

As suas limitações são reais e não devem ser ignoradas, sobretudo quando se confunde o seu valor formativo com uma função classificativa que não lhe é própria.

Os capítulos finais da obra reforçam que a avaliação autêntica exige coerência pedagógica, clareza de critérios e compromisso com aprendizagens significativas.

Neste quadro, o ensino superior online não surge como obstáculo, mas como contexto fértil para práticas avaliativas mais reflexivas, significativas e centradas no aprendente, desde que acompanhadas por orientação docente e por uma utilização crítica das tecnologias disponíveis.

Nota Final |

A construção colaborativa deste Recurso Educacional Aberto evidencia que a avaliação no ensino superior online não pode ser entendida como mera transposição de instrumentos tradicionais para ambientes digitais. Avaliar, nestes contextos, implica intencionalidade pedagógica, coerência entre objetivos, atividades e critérios, valorização do feedback, atenção à autenticidade das tarefas e compromisso com aprendizagens com sentido.

Ao longo dos diferentes capítulos, tornou-se claro que a avaliação online deve ser concebida como um processo contínuo, formativo, reflexivo e orientado para o desenvolvimento de competências, mobilizando estratégias como a autoavaliação, a avaliação por pares, os portefólios, os diários reflexivos, os projetos colaborativos e outras tarefas autênticas.

Desta forma, avaliar em contextos digitais implica não apenas selecionar instrumentos adequados, mas também construir dispositivos pedagógicos coerentes com a autonomia, a participação ativa e a diversidade dos aprendentes.

Este percurso evidenciou igualmente que a inovação não reside na tecnologia em si mesma, mas na forma como esta é integrada em práticas pedagógicas significativas, éticas e contextualizadas. Neste contexto, a inteligência artificial, a integridade académica, a inclusão digital, a credibilidade dos processos e a diversidade dos percursos dos aprendentes colocam novos desafios, exigindo respostas pedagogicamente fundamentadas.

Importa reconhecer, também, que a transformação das práticas avaliativas não depende apenas da adoção de novas metodologias ou ferramentas, mas igualmente das condições institucionais em que essas práticas se desenvolvem. Persistem, em muitos contextos, tensões entre uma avaliação orientada para a aprendizagem e exigências de classificação, padronização e comparabilidade, o

que mostra que a inovação pedagógica exige não apenas mudança didática, mas também reflexão organizacional e institucional.

Mais do que um conjunto fechado de orientações, este REA afirma-se como um recurso aberto, dinâmico e passível de adaptação a diferentes contextos. A sua principal contribuição reside em afirmar que uma avaliação online de qualidade deve ser simultaneamente rigorosa, transparente, formativa e profundamente comprometida com a aprendizagem.

Referências |

Afonso, A. (2025). *Impacto da inteligência artificial na avaliação da aprendizagem em ambientes virtuais*. Universidade Aberta. http://hdl.handle.net/10400.2/20310

Al-Rahmi, W., Aldraiweesh, A., Yahaya, N., Kamin, Y. B., & Zeki, A. M. (2019). *Massive open online courses (MOOCs): Data on higher education*. Data in Brief, 22, 118–125. https://doi.org/10.1016/j.dib.2018.11.139

Amante, L., & Oliveira, I. (Coords.). (2016). *Avaliação das aprendizagens: Perspetivas, contextos e práticas*. Universidade Aberta. http://hdl.handle.net/10400.2/6114

Amante, L., Oliveira, I., & Pereira, A. (2017). Cultura da avaliação e contextos digitais de aprendizagem: O modelo PrACT. *Revista Docência e Cibercultura, 1*(1), 135–150. https://doi.org/10.12957/redoc.2017.30912

Amante, L., & Oliveira, I. (2019). *Avaliação e feedback: Desafios atuais.* Universidade Aberta. http://hdl.handle.net/10400.2/8419

Biggs, J. (2003). *Teaching for quality learning at university: What the student does* (2nd ed.). Open University Press.

Bittle, K., & El-Gayar, O. (2025). Generative AI and Academic Integrity in Higher Education: A Systematic Review and Research Agenda. *Information, 16*(4), 296. https://doi.org/10.3390/info16040296

Bloom, B. S. (Ed.). (1956). Taxonomy of educational objectives: The classification of educational goals. Handbook I: *Cognitive domain.* David McKay.

Boud, D., & Soler, R. (2016). Sustainable assessment revisited. *Assessment & Evaluation in Higher Education, 41*(3), 400–413. https://doi.org/10.1080/02602938.2015.1018133

Boud, D. (2020). Retos en la reforma de la evaluación en educación superior: Una mirada desde la lejanía. *RELIEVE, 26*(1), Art. M3. https://doi.org/10.7203/relieve.26.1.17088

Conrad, D., & Openo, J. (2019a). *Assessment strategies for online learning: Engagement and authenticity*. Athabasca University Press. https://doi.org/10.15215/aupress/9781771992329.01

Conrad, D., & Openo, J. (2019b). *Estratégias de avaliação para a aprendizagem online* (J. Mattar, D. W. A. Duarte, C. C. de Lima, & J. da Silva Nunes, Trads.). Artesanato Educacional. https://read.aupress.ca/projects/assessment-strategies-for-online-learning/resource/portuguese-translation-estrategias-de-avaliacao-para-aprendizagem-online

Costa, A. L., & Garmston, R. J. (2013). *Cognitive coaching: Developing self-directed leaders and learners* (3rd ed.). Rowman & Littlefield.

Dron, J. (2007). *Control and constraint in e-learning: Choosing when to choose.* Information Science Publishing.

Dunning, D., Heath, C., & Suls, J. M. (2004). Flawed self-assessment: Implications for health, education, and the workplace. *Psychological Science in the Public Interest, 5*(3), 69–106. https://doi.org/10.1111/j.1529-1006.2004.00018.x

Fenwick, T., & Parsons, J. (2009). *The art of evaluation: A resource for educators and trainers* (2nd ed.). Thompson Educational Publishing.

Freeman, S., Eddy, S. L., McDonough, M., Smith, M. K., Okoroafor, N., Jordt, H., & Wenderoth, M. P. (2014). Active learning increases student performance in STEM. *PNAS, 111*(23), 8410–8415. https://doi.org/10.1073/pnas.1319030111

JISC. (2020). *Assessment and feedback in a digital age*. Joint Information Systems Committee.

Loureiro, P., & Gomes, M. J. (2023). Online peer assessment for learning: Findings from higher education students. *Education Sciences, 13*(3), Article 253. https://doi.org/10.3390/educsci13030253

Morgado, L., Aires, M.L., Seabra, F., Paz, J. Rocha, A. (2022). *Formação Avançada integrada no LE@D 2021-2022*, LE@D, Universidade Aberta. https://doi.org/10.34627/leadf.2022.5

Nicol, D. J., & Macfarlane-Dick, D. (2006). Formative assessment and self-regulated learning: A model and seven principles of good feedback practice. *Studies in Higher Education, 31*(2), 199–218. https://doi.org/10.1080/03075070600572090

OECD. (2021). *The state of school education: One year into the COVID-19 pandemic.* OECD Publishing. https://doi.org/10.1787/201dde84-en

Oliveira, I., & Pereira, A. (2021). Avaliação digital autêntica: Questões e desafios. RE@D – *Revista de Educação a Distância e eLearning, 4*(2), 22–40. https://doi.org/10.34627/vol4iss2pp22-40

Panadero, E., & Jonsson, A. (2013). The use of scoring rubrics for formative assessment purposes revisited: A review. *Educational Research Review, 9*, 129–144. https://doi.org/10.1016/j.edurev.2013.01.002

Pereira, A., & Oliveira, I. (2022). Avaliação digital de competências: Elementos para uma estratégia. In I. Oliveira, A. Pereira, L. Amante, & R. Oliveira (Orgs.), *A prática em avaliação digital de competências (Cap. 1)*. LE@D – Universidade Aberta. https://doi.org/10.34627/leadw.2022.4

Pires, A. L. O., & Rodrigues, M. R. (2022). Experiências de portefólios digitais no ensino superior: Perspetivas de professores e aprendentes. *Série-Estudos, 27*(59), 285–300. https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v27i59.1566

Raciti, M., Tham, A., & Dale, J. (2024). Recognition of prior learning in higher education: A systematic literature review. *Journal of University Teaching & Learning Practice, 21*(9), 1–30. https://doi.org/10.53761/bys3aj56

Sweller, J. (2011). Cognitive load theory. *Psychology of Learning and Motivation, 55*, 37– 76. https://doi.org/10.1016/B978-0-12-387691-1.00002-8

Swiecki, Z., Khosravi, H., Chen, G., Martinez-Maldonado, R., Lodge, J. M., Milligan, S., Selwyn, N., & Gašević, D. (2022). Assessment in the age of artificial intelligence. *Computers and Education: Artificial Intelligence, 3*, 100075. https://doi.org/10.1016/j.caeai.2022.100075

UNESCO. (2012). *Declaração REA de Paris em 2012*. UNESCO. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246687

UNESCO. (2023). *Guidance for generative AI in education and research*. UNESCO. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386693

Van Deursen, A. J. A. M., & van Dijk, J. A. G. M. (2019). The first-level digital divide shifts from inequalities in physical access to inequalities in material access. *New Media & Society, 21*(2), 354–375. https://doi.org/10.1177/1461444818797082

Vlachopoulos, D., & Makri, A. (2024). A systematic literature review on authentic assessment in higher education: Best practices for the development of 21st century skills, and policy considerations. *Studies in Educational Evaluation, 83*, Article 101425. https://doi.org/10.1016/j.stueduc.2024.101425

Wiggins, G. (1998). *Educative assessment: Designing assessments to inform and improve student performance*. Jossey-Bass.

Wiggins, G., & McTighe, J. (2005). *Understanding by design* (Expanded 2nd ed.). ASCD.

Yildirim, S. (2016). Infographics for educational purposes: Their structure, properties and reader approaches. *TOJET, 15*(3), 98–110. https://tojet.net/articles/v15i3/15311.pdf

Zhai, X., Chu, X., Chai, C. S., Jong, M. S. Y., Istenic, A., Spector, M., Liu, J-B, Yuan, J., Li, Y., *A Review of Artificial Intelligence (AI) in Education from 2010 to 2020,* Complexity, 2021, Article 8812542, 1-18, 2021. https://doi.org/10.1155/2021/8812542

Apêndices |

Fichas de registo da utilização de Inteligência Artificial, por capítulo.

Ficha de Registo do Uso de Inteligência Artificial

Atividade: A Avaliação na Educação Online

1. Identificação

Grupo:	Grupo 1.
Ferramentas de IA:	ChatGPT e ChatPDF (versões gratuitas).

2. Finalidade do uso da IA

❒ Exploração inicial do tema.

❒ Geração de ideias.

❒ Apoio na estruturação do trabalho.

❒ Síntese de conceitos.

❒ Reformulação de texto.

❒ Revisão linguística.

☐ Outro: _____

3. Exemplos de utilização (prompts)

Prompt	**Objetivo**	**Utilização**
"Explica os conceitos-chave da avaliação no ensino superior online com base em Conrad e Openo ".	Compreensão conceptual.	Apoio à clarificação dos conceitos antes da redação.
"Reformula este texto em linguagem académica".	Melhoria da qualidade científica.	Refinamento da linguagem e do rigor terminológico.
"Revê este texto segundo as normas académicas".	Revisão linguística.	Correção de estilo, coerência e fluidez.

4. Processo de coautoria

Descreva como integrou a IA no processo de trabalho (fases, tipo de uso, partes desenvolvidas com e sem IA).

A utilização da IA ocorreu de forma complementar e não substitutiva ao trabalho intelectual do grupo.

Numa fase inicial, as ferramentas foram utilizadas para a exploração do tema e clarificação conceptual, permitindo identificar as dimensões relevantes da avaliação no ensino online. Posteriormente, apoiou a estruturação do trabalho, contribuindo para a organização lógica das secções.

Durante a redação, a IA foi utilizada sobretudo para a reformulação linguística e a melhoria da qualidade discursiva, sem alterar o conteúdo conceptual definido pelo grupo. Todas as ideias, a seleção de conteúdos, a articulação teórica e as decisões pedagógicas foram da responsabilidade dos elementos do grupo.

Numa fase final, a IA foi utilizada para a revisão linguística e o aperfeiçoamento do rigor académico, tendo sido efetuada a validação crítica de todas as sugestões.

5. Avaliação crítica do uso da IA

Refira contributos da IA; limitações; eventuais "alucinações"; estratégias de validação da informação…

A utilização da IA revelou-se útil ao nível da organização de ideias, melhoria da clareza textual e no apoio à revisão linguística, contribuindo para uma maior consistência e qualidade do trabalho final.

Contudo, identificaram-se limitações, nomeadamente, a tendência para as generalizações excessivas, a ausência de referências rigorosas e, pontualmente, a produção de informação não verificada ("alucinações").

Para mitigar estes riscos, foram adotadas estratégias de validação, incluindo:

- Confronto com as fontes científicas fornecidas pelas docentes da Unidade Curricular;

- Verificação de referências e DOI;

- Revisão crítica e reformulação autónoma dos conteúdos;

- Seleção criteriosa das sugestões da IA.

Assim, a IA foi utilizada como uma ferramenta de apoio, mantendo-se o controlo humano sobre todo o processo.

6. Declaração

Declaramos que utilizámos a IA de forma crítica e responsável.
Assinaturas: os elementos do grupo 1 - Ana Isa Sousa, Carla Miranda e Laura Silva Maria.

Ficha de Registo do Uso de Inteligência Artificial

Atividade: A Avaliação na Educação Online
Capítulo 1 - Crenças sobre Ensino e Aprendizagem na Avaliação Online Autenticidade e Envolvimento na Avaliação

1. Identificação

Grupo 2: Eliane Marquezoni, Fernanda Santos, Luz Gomes e Rui Silva

Ferramenta(s) de IA: ChatGPT e NotebookLM

2. Finalidade do uso da IA

☐ Exploração inicial do tema

☐ Geração de ideias

☒ Apoio na estruturação do trabalho

☒ Síntese de conceitos

☒ Reformulação de texto

☒ Revisão linguística

☒ Outro: leitura dos documentos, geração de áudio e apoio à compreensão dos conteúdos através do NotebookLM.

3. Exemplos de utilização (prompts)

Prompt	Objetivo	Utilização
Com base nos capítulos 3 e 4 identifica os principais desafios atuais da avaliação online e apresenta exemplos de aplicação prática.	Obter um ponto de partida para análise dos capítulos.	Exploração inicial e organização de ideias.
Identifica mais desafios relacionados com autenticidade, engagement e crenças pedagógicas.	Complementar o conteúdo.	Apoio ao aprofundamento teórico.
Sugere melhorias ao texto para o tornar mais claro e adequado ao limite de palavras.	Melhorar a redação académica.	Revisão linguística e reformulação textual.

Analisa criticamente este texto e verifica se os conceitos estão corretos.	Validar coerência e rigor científico.	Revisão crítica do trabalho.
NotebookLM: sintetiza os capítulos e gera áudio com os principais conceitos.	Facilitar a leitura e compreensão dos documentos.	Apoio ao estudo, síntese e revisão colaborativa.

4. Processo de coautoria

A IA foi utilizada principalmente nas fases iniciais de exploração e organização do trabalho. O ChatGPT apoiou a geração de ideias, síntese de conceitos, reformulação textual e revisão linguística. O NotebookLM foi utilizado para leitura e síntese dos documentos, bem como para a geração de áudio, facilitando a compreensão dos capítulos e a revisão dos conteúdos pelo grupo.

Posteriormente, os textos foram analisados, ajustados e desenvolvidos autonomamente com base na obra de Conrad e Openo (2019) e em artigos científicos complementares. Toda a informação foi validada criticamente pelo grupo antes da elaboração da versão final.

5. Avaliação crítica do uso da IA

A utilização da IA revelou-se útil na organização de ideias, síntese de conteúdos e revisão linguística, permitindo otimizar o processo de escrita e reflexão. O NotebookLM facilitou particularmente a leitura e compreensão dos documentos através da compilação de informação e geração de áudio.

No entanto, algumas respostas apresentaram generalizações ou informações pouco alinhadas com os capítulos analisados, exigindo validação constante através da consulta da obra original e de artigos científicos. O grupo procurou utilizar a IA de forma crítica e responsável, garantindo que as decisões finais, a seleção da informação e a redação do trabalho foram realizadas autonomamente.

6. Declaração

Declaro que utilizei a IA de forma crítica e responsável.

Assinaturas: Eliane Marquezoni, Fernanda Santos, Luz Gomes, Rui Silva.

Ficha de Registo do Uso de Inteligência Artificial

Atividade: Recurso Educacional Aberto sobre avaliação na Educação Online

Capítulo 2 - Avaliação Autêntica, Aberta e Estratégias de Avaliação em Contextos de Elearning

---

1. Identificação

Grupo: 3	
Ferramenta(s) de IA:	ChatGPT Copilot Claude NotebookLM

2. Finalidade do uso da IA

☐ Exploração inicial do tema

☐ Geração de ideias

☐ Apoio na estruturação do trabalho

☐ Síntese de conceitos

þ Reformulação de texto

þ Revisão linguística

þ Outro: Geração de um infográfico; geração de um *prompt*; formatação de referências; tradução de inglês para português de rúbrica criada noutra formação; geração de um resumo em vídeo

3. Exemplos de utilização (prompts)

Prompt	**Objetivo**	**Utilização**
Sistema de IA – Chat GPT “Podes criar um prompt exaustivo, pedindo para preparar um infográfico com design profissional / académico a partir desse ficheiro” (tabela elaborada pela aprendente com conceitos-chave / vantagens / desvantagens)	Geração de um prompt inicial para posteriormente gerar um infográfico	O prompt inicial foi posteriormente aprimorado e utilizado no Claude.ai para a geração do infográfico (*vide* p.f. linha abaixo).
Sistema de IA – Claude Série de prompts até chegar a um resultado satisfatório https://claude.ai/share/bdb00f36-d895-40bd-b437-afba96982459	Geração do infográfico. “Leitura Crítica dos Conceitos-Chave face à Avaliação: Vantagens, Limites e Desafios”	Conceitos-chave (ponto 2.2.)
Sistema de IA - Copilot “Referência APA 7” (a partir dos ficheiros submetidos)	Geração de referências segundo a norma APA 7	Inserção das referências para posterior verificação / formatação (ponto 2.8.)
Ferramenta de IA - NotebookLM Resumo em vídeo: **Inclusão e Equidade**, marcada por desigualdades de acesso, literacia digital limitada e modelos padronizados que ignoram a diversidade. **Credibilidade e Reconhecimento**, com resistência institucional às microcredenciais e badges digitais. **Sobrecarga Docente e Gestão**, Avaliações autênticas exigem tempo e acompanhamento, o que se torna difícil em turmas	Criação de um vídeo	O vídeo foi aprimorado até chegar ao resultado desejado

numerosas, demandando políticas institucionais e formação docente.		
Para melhorar o vídeo foi utilizado o seguinte prompt: “Melhore as imagens e a linguagem do vídeo anexado para algo mais formal e académico. Pode enquadrar imagens bitmap de banco de imagens como Pixabay, relacionadas com educação online”	Melhorar a linguagem e as imagens do vídeo	
Traduz o conteúdo da seguinte rúbrica de inglês para português: (apresentou-se os dados da tabela para a IA fazer a tradução)	Traduzir o conteúdo, que já havia sido desenvolvido antes.	A tradução foi bastante boa não necessitando de grandes modificações, utilizado como imagem a versão traduzida.

4. Processo de coautoria

Descreva como integrou a IA no processo de trabalho (fases, tipo de uso, partes desenvolvidas com e sem IA).

Conceitos – chave: Sem IA - elaboração da tabela com os conceito-chave identificados. Com IA - geração do infográfico com o título: Leitura Crítica dos Conceitos-Chave face à Avaliação: Vantagens, Limites e Desafios

Referências: Com IA. Formatação das referências a partir dos ficheiros dos artigos. Sem IA - Verificação e eventual correção.

Com IA - Integrei a IA na elaboração do vídeo sobre os desafios atuais da avaliação. Inseri no NotebookLM o texto pretendido, tendo este gerado um resumo. A partir desse resumo selecionei a opção ‘‘resumo em vídeo’’…

Sem IA: elaboração da síntese sobre os desafios da avaliação a partir do livro em análise e busca de outras fontes.

Com IA: Utilizei a mesma para traduzir algo que já havia sido realizado anteriormente.

Sem IA: A Rúbrica já havia sido pensada e realizada totalmente por mim como uma possível avaliação de trabalhos de TIC - gestão de base de dados.

5. Avaliação crítica do uso da IA

Refira contributos da IA; limitações; eventuais “alucinações”; estratégias de validação da informação…

Contributos acima mencionados.

Limitações: necessidade de verificação e correção de conteúdos e de aprimoramento dos resultados (infográfico). Estratégias de validação: verificação dos conteúdos gerados a partir das fontes / ficheiros submetidos à IA e revisão.

A IA gerou um conteúdo (vídeo) com linguagem informal.

6. Declaração

Declaro que utilizei a IA de forma crítica e responsável.

Assinatura(s): Esmeralda Cavel, José Gonçalves, Judite Santos, Júlia Reis

Ficha de Registo do Uso de Inteligência Artificial

Atividade: Recurso Educacional Aberto sobre avaliação na Educação Online

Capítulo 3 - Planeamento, Tecnologias e Feedback na Avaliação Online

---

1. Identificação

Grupo: 4

Ferramenta(s) de IA: ChatGPT; Manus

2. Finalidade do uso da IA

☑ Exploração inicial do tema
☑ Apoio na estruturação do trabalho
☑ Síntese de conceitos
☑ Revisão linguística

Outro: _____

3. Exemplos de utilização (prompts)

Prompt	Objetivo	Utilização
Explica os conceitos principais do capítulo 3 de Conrad e Openo (2019)	Compreender o conteúdo teórico	Apoio à leitura e identificação de conceitos-chave
Ajuda-me a estruturar um capítulo sobre avaliação online	Organização do trabalho	Definição da estrutura do capítulo
Revê este texto em português de Portugal académico	Melhorar linguagem	Reformulação e revisão do texto

4. Processo de coautoria

A Inteligência Artificial foi utilizada como ferramenta de apoio ao longo do processo de elaboração do trabalho, nomeadamente nas fases iniciais de exploração do tema, organização da estrutura e clarificação de conceitos.

O conteúdo teórico foi sempre baseado na leitura direta da obra de Conrad e Openo (2019), sendo a IA utilizada sobretudo para apoiar a reformulação textual, melhorar a clareza da escrita e rever a correção linguística.

A seleção de ideias, a interpretação dos conceitos e a redação final resultaram de um processo crítico e autónomo do grupo, tendo a IA sido utilizada como suporte e não como substituto do trabalho intelectual.

5. Avaliação crítica do uso da IA

A utilização da IA revelou-se útil na organização das ideias, na clarificação de conceitos e na melhoria da expressão escrita. Permitiu também apoiar a estruturação do texto e a formatação de referências segundo as normas APA.

No entanto, identificaram-se algumas limitações, nomeadamente a tendência para gerar respostas demasiado genéricas ou excessivamente estruturadas, que exigiram reformulação para garantir um estilo mais natural e adequado ao contexto académico.

Não foram identificadas "alucinações" relevantes, mas todas as informações foram validadas com base na leitura da obra de Conrad e Openo (2019) e noutras fontes credíveis.

Como estratégia de validação, o grupo procedeu à revisão crítica de todos os conteúdos, garantindo a coerência, a adequação científica e a autoria intelectual do trabalho

6. Declaração

Declaramos que utilizámos a IA de forma crítica e responsável.

Assinaturas: Filomena Rodrigues, Pedro Alves, Susana Luís e Tânia Santos

Ficha de Registo do Uso de Inteligência Artificial

Atividade: A Avaliação na Educação Online

---

1. Identificação

Grupo: 5

Elementos do grupo:

Marta Coutinho
Paula Bugalho
Raquel Santos
Sérgio Trigo

Ferramenta(s) de IA:

ChatGPT e Claude.ai (gratuitos)

2. Finalidade do uso da IA

X Exploração inicial do tema

X Geração de ideias

X Apoio na estruturação do trabalho

X Síntese de conceitos

X Reformulação de texto

X Revisão linguística

☐ Outro: _____

3. Exemplos de utilização (prompts)

Prompt	Objetivo	Utilização
Elabora um índice detalhado para um trabalho académico sobre Avaliação na Educação Online, incluindo os principais tópicos e subtópicos.	Definir a estrutura e organização do trabalho académico	Claude.ai
Revê o seguinte texto académico e corrige eventuais erros gramaticais, ortográficos e de pontuação, mantendo o registo formal e o estilo do autor.	Rever e corrigir o texto produzido pelo grupo, assegurando correção linguística	ChatGPT
Reformula este parágrafo em português de Portugal, mantendo o registo académico e o sentido original.	Melhorar a fluidez e correção linguística	ChatGPT, para revisão e reformulação de passagens do texto.
Analisa criticamente esta secção e sugere melhorias de coerência, clareza e adequação ao formato do Recurso.	Apoiar a revisão crítica do texto	ChatGPT, para Afinação de secções como enquadramento, desenvolvimento do tema e síntese final.
Revê esta lista de referências em APA 7 e indica incoerências entre as citações no texto e a bibliografia final.	Verificar coerência bibliográfica e formatação final	ChatGPT, para revisão final das referências.

4. Processo de coautoria

Descreva como integrou a IA no processo de trabalho (fases, tipo de uso, partes desenvolvidas com e sem IA).

A IA foi utilizada como ferramenta de apoio ao longo de diferentes fases do trabalho, mas nunca como substituto da leitura, da análise crítica ou da redação do grupo. Numa fase inicial, foi usada para explorar o tema, clarificar conceitos e apoiar a estruturação do capítulo. Posteriormente, serviu para sugerir reformulações, melhorar a fluidez textual e rever a correção linguística em português europeu.

O conteúdo substantivo do trabalho, a seleção dos conceitos-chave, a articulação teórica com a obra de Conrad e Openo (2019) e as decisões pedagógicas finais foram desenvolvidas pelos elementos do grupo. Numa fase final, a IA foi ainda utilizada para apoiar a revisão do texto consolidado e a verificação da coerência entre o corpo do trabalho e as referências bibliográficas.

5. Avaliação crítica do uso da IA

Refira contributos da IA; limitações; eventuais “alucinações”; estratégias de validação da informação.

A utilização da IA revelou-se útil na organização inicial do trabalho, na clarificação de ideias, na reformulação de frases e na revisão linguística. Contribuiu para tornar o texto mais fluido e para apoiar a consolidação final da estrutura do capítulo.

Contudo, identificaram-se também limitações relevantes, nomeadamente tendência para generalizações excessivas, formulações por vezes artificiais e sugestões nem sempre plenamente ajustadas ao contexto académico específico da unidade curricular. Em alguns casos, foi necessário rejeitar propostas da IA por falta de precisão conceptual ou por não corresponderem ao foco pretendido pelo grupo. Como estratégia de validação, todas as sugestões foram analisadas criticamente, confrontadas com as referências de base e revistas pelos elementos do grupo. A IA foi, assim, usada como apoio complementar, mantendo-se sempre o controlo humano sobre as opções conceptuais, a redação final e a responsabilidade académica do trabalho.

6. Declaração

Declaro que utilizei a IA de forma crítica e responsável.

Assinaturas: Marta Coutinho, Paula Bugalho, Raquel Santos, Sérgio Trigo

Avaliação *Online* no Ensino Superior:

Princípios, Estratégias e Boas Práticas

Este Recurso Educacional Aberto (REA) resulta de um trabalho colaborativo da turma de 1.º ano do Mestrado em Pedagogia do *eLearning 2025/2026*, realizado na Unidade Curricular de *Avaliação em Contextos de eLearning*.

Reúne princípios, estratégias, exemplos e reflexões sobre a avaliação no ensino superior online, com o objetivo de apoiar docentes e investigadores na construção de práticas avaliativas mais justas, autênticas, inclusivas e centradas no desenvolvimento de competências.

Enquanto **Recurso Educacional Aberto (REA)**, este material pode ser utilizado, adaptado e partilhado para promover uma educação aberta, colaborativa e inovadora.

CENTRADO NO ESTUDANTE
Promove a autonomia, o envolvimento e a autorregulação.

AUTÊNTICO E SIGNIFICATIVO
Tarefas alinhadas com contextos reais e com sentido.

FORMATIVO E CONTÍNUO
Feedback eficaz que orienta e melhora aprendizagens.

COLABORATIVO E INCLUSIVO
Valoriza a diversidade, a participação e a comunidade.

BASEADO EM EVIDÊNCIAS
Decisões informadas para apoiar o progresso e o sucesso.

SOBRE ESTE RECURSO
Este documento sistematiza conhecimentos, estratégias e boas práticas de avaliação online no ensino superior, baseados na leitura, reflexão crítica e contributos colaborativos.

PARA QUEM É
Docentes, investigadores, formadores e profissionais da educação que procuram melhorar e inovar nas suas práticas de avaliação.

REA – RECURSO EDUCACIONAL ABERTO
Este material está licenciado sob Creative Commons CC BY 4.0, permitindo a partilha, adaptação e reutilização com atribuição da autoria.

ACEDA AO RECURSO
Disponível no Repositório da Universidade Aberta. Digitalize o código QR para saber mais.

Este documento está licenciado ao abrigo da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).
É permitida a partilha e adaptação, desde que seja atribuída a devida autoria.

UAb
UNIVERSIDADE ABERTA
www.uab.pt

/universidadeaberta

Agradecemos especialmente à colega Judite Santos pelo excelente trabalho de uniformização e harmonização gráfica, que deu coesão, clareza e identidade visual a todo o Recurso.